BLUMENAU
em CADERNOS
Tomo I
Número 6
Abril de 1958

Blumenau em Cadernos

Mensário dedicado à história e aos interêsses do Vale do Itajaí

Assinatura 12 números .... Cr$ 100,00
Número avulso .... Cr$ 10,00

Administração e responsabilidade de Luiz Ferreira da Silva.
Tôda a correspondência deverá ser dirigida a

Blumenau em Cadernos
Caixa Postal, 425
BLUMENAU — S. CATARINA

Tomo I	Número 6	Abril de 1958

Páginas do meu velho arquivo

Uma entrevista com Curt Hering

Nemésio HEUSI

O MEU OBJETIVO ao entrevistar o Sr. Curt Hering, era, na época de 1942, em plena guerra, situar as fôrças democráticas e as totalitárias, em função do próprio mundo em que vivemos.

Empolguei-me de tal forma pela palestra do entrevistado, que acredito ter me alongado demais. Mas . . . onde cortar a entrevista? Não! Não cometeria tamanho crime contra a elegância de um amigo que desfilou diante da minha maior curiosidade, uma formação cultural que bem sei, foi conseguida através do árduo trabalho, que a faculdade da vida lhe ensinou e que êle tão sàbiamente empregou em todos os momentos de sua admirável e útil existência de homem probo e capaz.

Vamos portanto à entrevista na sua segunda fase em que tratamos do comunismo como fôrça totalitária.

— Sr. Curt Hering: depois de ouvir um verdadeiro hino histórico de fé democrática, gostaria que o Sr. me falasse do comunismo, sua doutrina e seus efeitos sôbre a grandeza democrática.

— Sr. Heusi, o Sr. sabe melhor do que ninguém que a doutrina comunista é uma utopia. Mas, antes de irmos buscar na história a própria história quimérica da doutrina comunista, vou abrir um parêntesis para recordar um fato que vem demonstrar a maior preocupação do meu velho e sempre saudoso pai, Hermann Hering, bem como a do muito saudoso tio Bruno Hering, que, como o Sr. sabe, foram os fundadores da Companhia Hering, hoje com mais de sessenta anos de existência. Com pouco mais ou menos quinze anos de idade comecei a trabalhar junto de meu pai e de meu tio aqui na emprêsa Hering. Foi uma grande escola e aos poucos fui sentindo a preocupação dos fundadores desta emprêsa quanto ao problema social da mesma no que se refere ao lado profundamente humano do nosso operário. Isto no comêço de nosso século, pois a nossa em-

prêsa foi fundada em 1880, ou seja em fins do século passado. Veja portanto que já naquela época procurávamos a melhor harmonia entre o Capital e o trabalho.

Vamos agora, depois dêste longo parêntesis, entrar no âmago a análise da doutrina comunista. A primeira manifestação, realmente comunista, tivemos com o célebre lançamento do "Manifesto Comunista", de 1848, de íntima colaboração de Marx. Êste manifesto, no entanto, não surtiu o efeito que esperavam os comunistas. Sòmente em 1867, quando apareceu pela primeira vez impresso "Capital" de Karl Marx é que teve o comunismo o seu Corão, surgindo então uma legião de comentadores, de exegetas e sectários. As teorias marxistas viveram a sua época efêmera porque não acreditando na harmonia entre o Capital e o Trabalho, criaram um mundo de revoluções pessimistas como se a evolução social do Capital e do Trabalho fôsse coisa irrealizável. Citemos um exemplo para situar-se melhor o pessimismo marxista e conseqüentemente o comunista. Se fôsse possível Karl Marx ler hoje — passando-me os estatutos da "Instituição Hermann Hering" para eu ler, e continuou — êstes estatutos que estão em suas mãos onde a nossa Cia. assiste através da "Instituição Hermann Hering" o operário com recursos médicos, hospitalares e farmacêuticos, auxílio refeitório, adicional à aposentadoria concedida pelo IAPI, seguro de vida em grupo e o que é mais importante: a participação nos lucros para todos os seus servidores!

— O que aconteceria Sr. Heusi, a Karl Marx e aos comunistas se lessem êsses estatutos?

— Sem dúvida Sr. Curt Hering, tudo isso prova exatamente que o marxismo e o comunismo não souberam prever a evolução e a harmonia entre Capital e Trabalho.

— Certo, Sr. Heusi. Êles foram por demais pessimistas. Eu sempre acreditei e continuo a acreditar na fôrça e no ideal democrático, na liberdade ampla e responsável, na evolução cada vez maior da Social Democracia onde o Capital e o Trabalho irmanados pelo mesmo ideal de dignidade humana possam construir uma Paz duradoura onde a humanidade viva o seu sublime destino.

E levantando-se como quem dá por encerrada a nossa palestra finalizou:

— Sr. Heusi aí está situada a doutrina comunista dentro do mundo democrático: é a sua própria existência! Se comunista fôsse o mundo, jamais sobreviveria a democracia. Basta isto para mostrar a beleza e a grandeza do ideal democrata. Eis a nossa verdade histórica!

— * —

Decorridos dezesseis anos vou encontrar nas páginas de meu velho arquivo, esta entrevista que nunca havia publicado antes. Ela não teve prazo para ser publicada porque em qualquer época sempre estará atualizada. Se vivo fôsse o saudoso Curt Hering estaria completando a oito de maio próximo, setenta e sete anos de existência. Prestemo-lhe uma homenagem publicando, no mês de seu aniversário, êstes fragmentos da sua cultura que tanto personalizaram o seu caráter e refletiram em seus exemplos.

Relatórios do Dr. Blumenau

Quarto Relatório da Colônia Blumenau

Ano de 1853 (1)

A COLÔNIA está situada nas margens do rio Itajaí-grande, em distância de seis até sete léguas da costa do mar. O rio oferece na embocadura, um pôrto bom e seguro contra todos os ventos e a barra do mesmo na maré baixa regula um fundo de 14 até 15 palmos dágua, pelo menos.

Fora da barra os morros das Cabeçudas formam uma abra ou praia bem abrigada contra os ventos de Leste pelo Sul ao Oeste, os quais ordinàriamente são os mais fortes, e esta abra pode abrigar os navios da maior lotação.

O rio está bem navegável para os iates do país até ao arraial do Belchior, meia légua abaixo da colônia; dali até o embarcadouro atual da colônia tem duas correntezas baixas e bastante rápidas que dificultam, porém não impedem, a livre navegação de maneira que havendo, no futuro, bastante população para entreter vantajosamente a carreira de vapores chatos como se tem nos rios baixos da Alemanha, poderão os mesmos subir até meia légua acima do atual embarcadouro da colônia.

As terras do Itajaí, geralmente são celebradas na Província de Santa Catarina pela sua uberdade, e quanto mais rio acima, tanto mais férteis e mais livres de pântanos elas se mostram; a mandioca nos morros e taboleiros e a cana de açúcar nas vargens dão admiràvelmente, como também milho, feijão, tabaco etc. etc. e a batata inglêsa fornece ainda boas colheitas e no outono (março a julho) mesmo excelentes e abundantíssimos tubérculos enquanto que mais ao norte, na colônia de D.ª Francisca, muitas vêzes nem sequer rende a semente e degenera.

O clima é dos mais salubres e até agora tem tido poucos casos de doenças entre os colonos, tanto entre aquêles que chegaram recentemente como entre os domiciliados já há 15 anos.

Foram estas, principalmente a fertilidade e a boa situação das terras, num rio navegável com pôrto seguro, à proximidade do mar o clima salubre e a circunvizinhança de muitas terras devolutas os motivos que me determinaram fixar o meu estabelecimento no lugar onde hoje existe, depois de eu ter viajado por grande parte das províncias do Rio de Janeiro, Santa Catarina e e Rio Grande do Sul.

Não me enganei nos meus cálculos relativos à prosperidade dos colonos estabelecidos no Itajaí, encaro-o ainda como a melhor situação para uma grande emprêsa colonial nesta província e podendo eu dispor dos meios necessários para tal grande emprêsa, não duvidaria que o Itajaí, num decênio, seria a região mais florescente desta província.

O sistema da colônia é aqui o da emigração espontânea; os colonos vêm ordinàriamente às suas custas e sòmente em raros casos eu adianto a passagem. O mesmo não acontece com os víveres, os quais forneci e ainda agora devo fornecer ou adiantar à maior parte dos colonos, ficando êles obrigados à restituição das quantias adiantadas e as suas terras hipotecadas por elas até o final do reembôlso.

Cada pai de família recebe grátis uma superfície de 50 até 75 mil braças quadradas, porém alguns preferiram tomar chãos de casa de 500 até 1000 braças quadradas no lugar do embarcadouro no rio ou da futura povoação para melhor exercerem ali os seus ofícios.

Outros mais abastados compraram terras já cultivadas nas margens do rio mais para baixo.

Tomando a colônia e sua população maiores proporções, pretendo reservar em cada légua quadrada mais ou menos terras para lu-

gar e arraial público, para igreja e escola e para lotes pequenos.

Êstes últimos serviriam para oficiais de ofícios, que não pudessem muito trabalhar na lavoura e para famílias indigentes, as quais nêles se poderiam estabelecer sem grandes despesas e ganhar em poucos anos, em jornais, os meios necessários para poderem comprar maior superfície e nela se estabelecer.

De agora em diante, porém, não poderei continuar de outorgar as terras grátis aos colonos mas hei de vender-lhes as mesmas por preço barato; sendo esta a única renda que pretendo e posso tirar da colônia e dos colonos e exigindo a emprêsa bastante gastos não posso prescindir dela, mas ainda assim recompensa sòmente de muita modicidade o trabalho e o capital que já envolve e ainda sempre requer.

A colônia e os colonos prosperaram desta maneira, porém assim não é emprêsa que pode fornecer lucros nem os usuais e qualquer outro negócio rendê-los-ia maiores; as vantagens indiretas que recaem em proveito de um grande círculo de moradores e mesmo do estado, são maiores do que os direitos em proveito do empreendedor. De outro lado, prosseguindo-se em tal emprêsa como meio de grande lucro, no meu ver nunca poderá prosperar e tomar proporções grandes e duráveis e por isso era de desejar que o govêrno tomasse êsses negócios inteira e diretamente em sua mão; eu expus esta opinião em diversas memórias, que tive a honra de oferecer ao Govêrno Imperial, e conservo-a ainda hoje.

E' reservado aos grandes cabedais de prosseguir em tais emprêsas com vantagem pecuniária; aquelas de menor escala, como a minha não se podem sustentar senão com a maior dedicação e amor à causa e com efetivos sacrifícios pecuniários. A experiência neste país evidencia que quase sempre se arruinavam os empreendedores e queira Deus que não me aconteça o mesmo; que eu não perca inteiramente a fortuna que eu trouxe da minha antiga, e o fruto dos anos de penoso trabalho que passei na nova pátria.

O regime que eu até agora segui na direção dos negócios da colônia e dos colonos é o mais simples — reconhecendo os meus colonos, quase sem exceção alguma entre êles, com gratidão e confiança os meus esforços pela sua prosperidade, estou considerado por êles mais como amigo dedicado do que como diretor e não sendo o seu número muito grande, muitas dificuldades se aplainam com facilidade que em outras colônias deram ocasião para desgostos e conflitos. Desta maneira, consegui convencer a maior parte dos meus colonos para trabalhos públicos por um jornal tão módico que os outros moradores recusaram decididamente de tomar parte nêles, e de executá-los por preço muito mais barato que em circunstâncias ordinárias.

Como não aspiro supremacia alguma sôbre os colonos, tratando-os cuidadosamente com a mesma urbanidade e correção, que exijo dêles contra mim, espero que também no futuro, quando houver maior população as minhas relações para com os colonos sejam sempre mais aquelas de um vizinho e amigo do que de um superior.

Todavia, será conforme o programa que publiquei na Alemanha sôbre a minha emprêsa, no futuro e quando houver na colônia ao menos vinte e cinco famílias, um conselho comunal no qual me reservei um assento e voto sendo os outros membros do mesmo eleitos livremente pelos colonos; êste conselho dirigirá, sem prejudicar ou querer subtrair-se à jurisdição das autoridades do país, os negócios internos da colônia concernentes às obras comunais urgentes, para as quais não houver consignação de meios da parte da Província ou do Govêrno Imperial, ao culto Evangélico e outros desta espécie que não pertencem ao fôro das autoridades do país. Exercerá também uma espécie de baixa polícia, quanto fôr compatível com as leis em vigor, para evitar ou compor rixas e desavenças entre os colonos, e enfim êstes se obrigam formalmente, na entrada da colônia, de recorrerem em tôdas as disputas ou lides que não pertencerem "ex-officio" às autoridades do país, ùnicamente à decisão de árbitros; e de se sujeitarem sem renitência

e sem outra apelação, que não fôr aquela de um segundo e em casos de maior monta, terceiro tribunal de árbitros, à sua sentença.

Até agora não havia ocasião de julgar se esta instituição dos árbitros será exeqüível sem dificuldades na parte dos colonos, encaro-a porém como a mais salutar em favor da colonização alemã neste país, e a sua função como lei geral e forçosa em tôdas as colônias alemãs, de maneira que as autoridades do país deverão executar as decisões dos tribunais de árbitros a todo transe, faria na Alemanha a melhor impressão em favor da emigração para o Brasil. Em efeito, a não haver intérpretes probos e assalariados pelo estado e bastante inteligentes para bem entenderem o espírito de ambas as línguas, é quase impossível que as autoridades do país possam formar decisões justas em questões dos colonos recém chegados; os colonos estabelecidos já há muito tempo no país mesmo abusam dos seus conhecimentos da língua, dos costumes, das leis e ainda das tortuosidades destas de uma maneira às vêzes inteiramente criminosa contra o recém chegado, imperito e cheio de confiança contra os seus antigos patrícios, o qual quando não achar por acaso um amigo desinteressado e conhecedor do país etc. se acha verdadeiramente perdido e desamparado entre êles, que de costume estão ligados uns aos outros por parentesco, compadresco ou outros vínculos e raras vêzes estragam bons negócios, nos quais êles mesmos não perdem e as vêzes ainda ganham, um ao outro, esperando dêle em ocasião oportuna o mesmo bom serviço. Logo os prejudicados ou diretamente logrados clamam na Alemanha contra o país e a pouca proteção que as autoridades e a justiça a êles fornecem, e pôsto que muitas vêzes êles mesmos, a sua irreflexão e precipitação, sejam as causas da sua desgraça, as suas queixas sempre fazem impressão grande e desfavorável na Alemanha e são exploradas pelos inimigos do Brasil.

Por todos êstes motivos era a desejar, que a instituição dos árbitros, a escolher pelos interessados, se tornasse forçosa e geral em tôdas as colônias alemãs que com êles fazem negócios.

O estado da população da colônia se mostra pelo mapa junto sendo o mais exato possível, todavia não se pode referir senão à data em que foi feito. Os solteiros andam trabalhando aqui e acolá, ausentam-se da colônia e em breve tornam a vir, para depois de semanas e meses de novo ausentarem-se. Parece também que diversas famílias ainda não fixaram definitivamente o seu domicílio; foi, por exemplo assim, que o colono n.º 91, que no princípio do ano presente se ausentara da colônia, e comprara terras já cultas, algumas léguas abaixo da colônia, as vendia há pouco e me declarava depois da feitura do mapa junto, a sua intenção de voltar à colônia com a sua família de três membros. Pela volta dêle teria pois um acréscimo de quatro pessoas poucos dias depois da feitura do mapa. No mesmo estão contemplados, como já chegados e existentes, dezesseis pessoas que saíram de Hamburgo em meados de outubro e neste momento provávelmente já se acham na barra dêste rio. Sendo o chefe ou condutor desta pequena sociedade um dos meus mais íntimos amigos, não corro eu o risco que, chegados em São Francisco, se deixem reter na colônia D.ª Francisca em prejuízo da minha. Aconteceu êste caso, porém, com algumas famílias e solteiros do último e penúltimo transportes, os quais, atemorizados por falsos boatos sôbre a minha colônia, que foram de propósito espalhados, abandonavam a sua primeira intenção, de se estabelecerem na minha colônia, para a qual foram engajados, e ficavam em D.ª Francisca. E' de lastimar que mesmo o diretor daquela colônia se metia nestas intrigas pouco decentes e incompativeis com a sua posição.

As entradas dêste ano estão muito diminutas e se restringem até esta data a dezesseis pessoas; com as dezesseis que se espera por êstes dias, o seu número será de trinta e duas. As entradas desde o princípio da emprêsa montam a 150 e com as dezesseis em viagem seram de 166. Daquelas 150 pessoas, 127 ficaram nas margens do Itajaí e 23 ausentaram-se para mais longe.

Pelo estabelecimento de diversas famílias em terras já cultivadas que compravam, e na barra do rio, e pelo falecimento de três pessoas, a população fixa da colônia diminuiu de 78 pessoas contra 104 do ano passado. Tendo tido, desde o princípio, a emprêsa nove nascidos e dêles se ausentado um, há um acréscimo de oito e a população com êstes monta 86 almas e, depois da chegada das 16 pessoas em viagem, a 102.

Os motivos da diminuta imigração dêste ano de 1853, tanto nesta colônia como em outras são muitos; em primeiro lugar porém estão as continuadas agressões da Sociedade Central de Berlim e de grande parte da imprensa alemã, hostil ao Brasil e as intrigas secretas de diversos governos alemães contra a imigração alemã para êste país. Precisará expedientes extraordinários e executados com perseverança para vencer êstes obstáculos e, no meu ver, a pura e simples execução da lei geral sôbre as terras devolutas terá pouco ou nenhum efeito para atrair em breve uma imigração espontânea e considerável ao país. Pronunciei esta opinião já em diversas memórias, principalmente numa que entreguei aos senhores Viscondes de Abrantes e Cansação de Sinimbu no ano de 1848 e conservo-a ainda hoje intacta em tôda a sua constância não obstante as opiniões opostas de grandes autoridades nesta matéria, tendo também em meu favor uma experiência prática de sete anos. As cicunstâncias do Brasil são diversas das da América do Norte, Austrália etc. e o seu sistema de colonizar deverá também ser, ou não terá o efeito desejado. Esta lei serve, é verdade, de cavalo de batalha à sociedade de Berlim, porém não é difícil de mostrar evidentemente ao público alemão a dialética sofística da mesma — serve sòmente de encobrir intrigas motivadas por outros interêsses e mesmo pôsto o caso da sua execução, aquela sociedade que está ìntimamente ligada ao govêrno prussiano dirigirá logo os seus ataques sôbre outros pontos. Para bem esclarecer o público alemão sôbre o Brasil, não bastam curtos artigos de jornais, mas precisará de uma exposição ampla, escrita com lealdade e clareza e espalhada em forma de folheto e em milhares de exemplares, gratuitamente, por tôda a Alemanha. Ùnicamente assim o público alemão, disposto para a emigração, pode ser esclarecido sôbre o Brasil com prontidão e eficácia.

Outro motivo da diminuta imigração dêste ano foi a aparição do cólera-morbus em Hamburgo. Foi esta a causa que uma sociedade de 40 pessoas mais ou menos, que pretendia dirigir-se à minha colônia e já me tinha pedido de reservar-lhe terras com fôrça dágua para engenhos, se retratava e procrastinava a sua partida para o ano futuro.

Em compensação do diminuto alargamento extensivo da colônia o intensivo foi maior e o número dos fogos existentes elevava-se a 19 acabados e mais três em construção.

Existe um engenho de açúcar e de aguardente, um dito de farinha de mandioca e prepara-se outro de açúcar para a safra próxima futura. Para um moinho de milho mandei duas grandes pedras e as ferramentas necessárias de Hamburgo e espero que o mesmo seja montado em poucos meses, suprindo uma grande necessidade da colônia. Igualmente já tem as ferramentas para engenhos de serrar madeiras, o qual será estabelecido no decurso do ano futuro e dará ocasião de ganho a muitos colonos. Fêz-se também uma porção de pedras de amolar as quais alcançarão bons preços e os respectivos canteiros estão continuando nesta indústria. Fabricam-se vinagre e diversos licores em ponto pequeno e fizeram-se ensaios de fabricar cerveja de açúcar, cujo resultado é bastante animador; o produto, pôsto que ainda imperfeito, acha pronta extração e fornece aos colonos uma bebida sã e refrigerante, porém não se conserva por muito tempo.

O principal ramo de indústria da colônia ficará sempre a lavoura e esta progride admiràvelmente. As derrubadas e as roças plantadas se estendem por largo espaço e as últimas colheitas principalmente de batatas inglêsas e feijões foram abundantes que parte dos colonos já podia vender delas. A maior parte dos colonos cultiva ainda ês-

tes gêneros, o milho, os carás, aipins etc. e os legumes europeus como uma nutrição imediata, porém também a mandioca em maior extensão e esta última já fornecerá no ano próximo-futuro uma porção de farinha. Alguns plantam a cana de açúcar em maior extensão e pode-se esperar na safra próxima-futura por um produto de 70 a 90 barricas de açúcar e quantidade de aguardente proporcionada. A safra passada produziu 24 barricas de açúcar e três a quatro pipas de aguardente. O fumo que foi cultivado por alguns colonos dava excelentes fôlhas e continua-se na sua cultura, em pequena escala, como também naquela da mamona, de cujas sementes já se fabrica azeite bastante para o gasto da colônia. Cada colono já plantava maior ou menor porção de cafèzeiros. Distribuí aos colonos tôda casta de raízes e plantas úteis, assim como árvores frutíferas do país e assim não lhe falta quase nada daquilo que se planta usualmente, como algodão, gengibre, pimenta, laranjeiras, pessegueiros etc. etc. Todos criam ainda porcos e galinhas e alguns em breve terão pastos prontos para o gado vacuum e cavalos.

O culto evangélico foi celebrado de vez em quando e nas grandes festas pelo professor formado, que se acha entre os colonos; os três colonos católicos celebraram o seu na capela, duas léguas abaixo da colônia.

O dito professor ocupando-se já há tempo com o estudo da língua nacional, todavia não achava lugar apropriado para aprender a mesma na sua pureza e não a linguagem corrompida dos Itajaianos, como porém se procurava tal lugar, e já entende bastante a língua espero que em poucos meses esteja no caso de poder fazer o exame competente e então servir na colônia como professor público.

A consignação de um conto de réis, que pelo Exmo. Sr. Presidente desta província foi concedida para construção de pontes, necessárias para um trânsito regular desde a colônia até a barra do rio, contribuía também sensìvelmente para o bem dos habitantes da colônia, que as suas vantagens sabem melhor apreciar do que os outros moradores, acostumados de andarem em canoa. Enquanto aquêles se interessavam vivamente nestes trabalhos e se contentavam com jornais os mais módicos, grande parte dos moradores do rio inferior negou aos ditos trabalhos todo e qualquer apoio e por êste motivo, e por ser a consignação muito pequena para a multidão de pontes e outros trabalhos a faze., falta ainda bastante coisa para haver-se um trânsito sofrível, desde a colônia até a barra, principalmente na parte inferior, onde as margens do rio são menos cultivadas, que na parte superior. Todavia êste trânsito regular é uma questão vital não só para a colônia como para os habitantes e por isso todos os moradores inteligentes esperam ansiosos pelo acabamento dos trabalhos tendentes a êsse fim, o qual porém depende, por grande parte, da consignação de outra nova quantia, maior ou menor, conforme o interêsse e a ajuda, que se podem alcançar dos moradores brasileiros do rio inferior, ou as medidas obrigatórias pelas quais cada um será constrangido de contribuir com o seu contingente para um fim tão útil e de interêsse tão geral. Até o lugar de Gaspar, no meio do rio, onde moram muitos colonos alemães estabelecidos já há quinze anos, os habitantes da minha colônia agora costumam andar por terra, enquanto que os moradores brasileiros ordinàriamente preferem o caminho do rio ao qual estão acostumados.

À vista de tôdas as circunstâncias acima enumeradas, e mais achando-se no seio da colônia um médico hábil, que em casos de doenças ou ferimentos, presta os seus socorros, e um professor muito instruído, de cujo emprêgo, por conta da província, em breve se pode esperar um ensino regular e contínuo, tanto na língua nacional como na alemã e exercício do culto divino em cada domingo, tão anelados por todos os colonos, não pode causar admiração, que êstes vivem satisfeitos, alegres e sossegados e cheios de esperança num futuro próspero. Continuando êles no mesmo andar de trabalho e na mesma boa harmonia como até agora, o que é de presumir da boa índole dêles, quase sem exceção, a colônia será dentro de pou-

cos anos uma das mais bem cultivadas e risonhas regiões desta província.

Sendo assim, tôdas as condições para a prosperidade interna da colônia e dos seus habitantes as mais esperançosas e favoráveis, o seu engrandecimento exterior depende, desgraçadamente, de outras que um particular da minha posição não pode vencer senão por parte e ainda isso com grandes dificuldades.

A minha colônia está constantemente recomendada pela Sociedade Central de Berlim, aliás tão hostil ao Brasil; a imprensa alemã se ocupa com ela com grande benevolência; conto com grande número de amigos, que a recomendam e favorecem, em círculos particulares, tendo me mandado e ainda mandando-me colonos escolhidos e não obstante a imigração dêste ano foi extremamente diminuta. Os ataques e as agressões continuados contra o Brasil em geral, aniquilam pela maior parte a impressão favorável daquelas recomendações e não podem ser vencidas senão por meios gerais e enérgicos da parte do Govêrno Imperial. Para haver uma imigração espontânea, que fora dos seus braços ainda traz capital de inteligência, indústria e dinheiro para o Brasil, absolutamente não se pode dispensar daqueles meios. Um dêstes seria o esclarecimento do público alemão, por folhetos, como acima indiquei; outro, o pagamento por conta do estado da diferença entre o preço da passagem para os Estados Unidos e aquêle para o Brasil, e ainda outro, a formação de mais núcleos de colonização e o auxílio dos existentes em lugares que prometem pronta prosperidade, por maiores subsídios pecuniários.

Se fiel o cumprimento de deveres carregados de livre vontade; se o mais vivo amor da causa e experiência prática; se uma reputação bem fundada e honrada na Alemanha, e boa escolha do respectivo terreno, eram as únicas condições de fazer prosperar e ràpidamente engrandecer uma colônia, seguramente que a minha não cederia a alguma no Império e superaria a muitas. Não se pode porém dispensar de uma condição a tal emprêsa, como capital pecuniário bastante grande e êste me falta e não me deixa continuar na minha emprêsa senão em escala relativamente muito pequena, com os maiores sacrifícios pessoais e com renúncia a quase tôdas as comodidades da vida, às quais tenho direito e que não me faltariam em outra posição menos penosa e menos cheia de encargos e cuidados. Empreendi a minha obra com o maior entusiasmo, confiando na ajuda de Deus, que não abandona obra alguma; carreguei o seu pêso com firme vontade e trouxe-o, com constância, por desgraças e angústias, sem tremer; porém é de natureza na minha posição particular, de esmagar ombros bastante fortes e tornar-se nela cada dia mais pesado. Preciso, nesta posição, proceder com a maior economia e renunciar a ajuda alheia, quanto é possível,desperdiçando assim o tempo que podia empregar em misteres melhores e mais eficazes ao desenvolvimento da colônia, numa multidão de ocupações insignificantes porém indispensáveis, para as quais aliás podia empregar homens subordinados. Não posso, nem preciso adiantar passagens, porém não posso dispensar-me de o fazer com terras e víveres e êstes últimos já envolvem um cabedal considerável numa emprêsa de médio tamanho e tanto maior quanto à sua restituição se demora por quatro, até cinco e ainda mais anos e perdas por morte ou fuga dos respectivos devedores sempre ocorrem. Engrandecendo-se porém, em larga escala, como é de desejar, a população de minha colônia hão de faltar-me os meios para tais adiantamentos, tanto mais quanto preciso preparar-me para o reembôlso das quantias, que o Govêrno Imperial benignamente me adiantou e a colônia ficará interrompida no seu progresso e estacionária. Nestas circunstâncias o futuro não se poderá apresentar senão debaixo de um aspecto bastante escuro, porém não ouso de juntar às observações acima pedido positivo algum e só de recomendá-las e minha emprêsa à benevolente atenção do Govêrno Imperial. Os auspícios relativos a uma maior imigração para a minha colônia no ano próximo futuro, não são desfavoráveis e antes bastante animadores; recebi

Os Canarinhos Pedreiros

J. FERREIRA DA SILVA

ERA UMA VEZ...

A história poderia começar assim, como começam as histórias bonitas, que nos tocam à sensibilidade, às profundezas do coração.

Era uma vez um frade que, como o seráfico pai São Francisco, gostava muito de passarinhos. E tinha, em sua pobre cela, centenas de canarinhos: uns louros como espigas maduras, outros amarelos, da côr do ouro. Outros brancos, outros verdes. Uns lisos, outros frisados e crespos. Todos alegres e felizes, enchendo a cela e o convento de maviosos gorjeios, cantando, em côro, as glórias de Deus e a bondade do frade que todos os dias lhes dava água fresca e alpiste do melhor e pão com leite e fôlhas de alface e ovos de formigas catados nos troncos apodrecidos da velha chácara franciscana.

Os canarinhos eram a alegria de frei Marcílio. E frei Marcílio era tudo para os canarinhos. Compreendiam-se e amavam-se.

Frei Marcílio adivinhava os mínimos desejos das gentis criaturinhas. Quando via alguma delas encorujada no poleiro, com a cabecinha de lado, o biquinho entre as penas das asas, mudo, indiferente ao pipilar alegre das companheiras, ia logo dizendo:

— Coitadinho! precisas de um purgante, precisas...

E, com o cuidado de quem pega em coisa de alto preço, segurava o bichinho pelas perninhas e obrigava-o a engolir umas gôtas de óleo de rícino. No dia seguinte, amanhecia bem e alegre.

Sentava-se, o bom frade, horas inteiras (nos domingos e dias de festa, naturalmente, porque, nos dias de trabalho, êle dava duro, de sol a sol, nos trabalhos da horta, e pouco tempo lhe sobrava para os passarinhos) diante do viveiro, que era a alegre cidade dos seus canários, e passava tempos esquecidos, vendo-os a pular de um lado para outro, piando e cantando.

Havia entre êles tenores de voz forte. E havia barítonos e havia baixos. E havia sopranos que ensaiavam árias tão bonitas e comoventes que

---

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR

cartas de diversos partidos e pessoas abastadas que me pediram de reservar-lhes terras e anunciavam a sua vinda no ano próximo-futuro. Como porém o mesmo já aconteceu no ano passado, sem resultado e eu frustradamente fiz preparações dispendiosas em conseqüência de tais cartas, não posso prestar grande confiança àquelas que mencionei acima. Precisa com a maior urgência, repito ainda, esclarecer o público alemão sôbre o verdadeiro estado do Brasil e refutar a fundo as mentiras sôbre o mesmo, ou não haverá imigração espontânea alguma tanto considerável para o Brasil. As refutações superficiais e às vêzes ridículas de diversas pessoas que me foram mandadas de Hamburgo não servem senão para piorar o atual estado das coisas e de fornecer mesmo novas armas aos agressores.

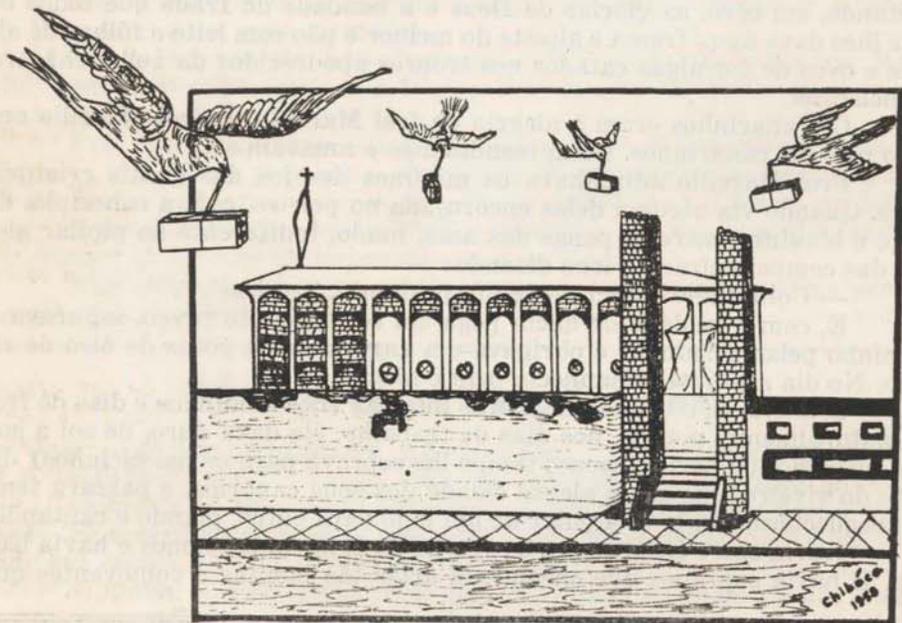
Colônia Blumenau, 4 de janeiro de 1854

Dr. Hermann Blumenau

1) Vide dois primeiros relatórios no n.º 3, pag. 43 dêstes Cadernos.
2) Refere-se naturalmente, aos colonos que já habitavam o arraial de Belchior, antes da fundação de Blumenau.
3) No povoado do Gaspar.
4) O professor era Fernando Ostermann.

deixavam longe as do Barbeiro de Sevilha ou as de Lúcia de Lamermoor. E as canarinhas, a quem Deus não havia dado o dom do canto, ouviam, enlevadas, os companheiros e batiam compassos com as patinhas nos poleiros, fazendo o contra-canto dos trinados com um pipilar macio e quase imperceptível, entre as cataratas de sons que escachoavam das gargantas empapuçadas dos machos orgulhosos.

Eram o enlêvo de frei Marcílio. Duas cousas inundavam-lhe a alma de ternura a ponto de trazerem-lhe as lágrimas aos olhos: o grande, o doce olhar da Nossa Senhora do altar-mor — uma imagem da Virgem que era um encanto para a vista e um consôlo para o coração — e o côro dos seus canarinhos.

O frade superior muitas vêzes o surpreendera enlevado, conversando com as avezitas:

— Assim, assim . . . Nosso Senhor também deve gostar muito de vocês. Cantem, cantem que o vosso canto deve subir aos céus como volutas de incenso, porque os vossos coraçõeszinhos não abrigam maldade . . .

E o frade guardião, sempre cioso do perfeito cumprimento das regras da Ordem, intervinha em tom brando:

— O meu irmão não acha que os seus canarinhos estão tomando lugar demais no seu coração que pertence todo a Nosso Senhor?

Frei Marcílio, parece que inspirado por Deus, retrucava, humilde:

— O grande coração do nosso seráfico pai também era todo de Nosso Senhor. E, no entanto, sabia sempre encontrar nêle lugar para os canarinhos. E não apenas para os canarinhos, como vossa paternidade sabe. Para as andorinhas, para os pombinhos também, para tôda a multidão das avezinhas do céu.

E o padre superior afastava-se sem saber o que responder.

Certa tarde, frei Marcílio estava, como de costume, em sua cela, re-

zando o seu rosário, acompanhando, com olhos embevecidos, os seus canarinhos. Extasiava-se ante a algazarra que faziam. E quando, entre as ave-marias e os gloria-patri, via-se transportado a um mundo diferente, transcendental, eis que pareceu-lhe ouvir, entre os trinados de um canário, pelo qual tinha especial querer, uma voz que o chamava:

— Frei Marcílio!

Se um raio tivesse caído na cela, naquela esplendida tarde de domingo, o espanto de frei Marcílio não seria menor. Olhos arregalados, dedos apertando fortemente as contas do rosário, frei Marcílio continuou fitando, a tremer, o passarinho.

— Frei Marcílio!

— Não podia vir de outra parte aquêle chamado. Era realmente do seu predileto canário dourado.

A avezinha olhava o frade sem mêdo e, batendo o biquinho, prosseguiu:

— Frei Marcílio! Será que pela manhã, quando vais para a tua horta e o teu pomar, tu não podias soltar-me e a todos os canarinhos, meus companheiros, machos e fêmeas?

Instintivamente, em meio ao estupor que o dominava, frei Marcílio retrucou logo:

— Soltar-vos? E para quê? Não estais porventura contentes? Não tendes, talvez, diàriamente, os meus cuidados, água e ração frescas?

— Temos, frei Marcílio, temos muito. Mas não é só de alpiste que vivem os canarinhos, como não é só de pão que vivem os frades. Os canarinhos, como os frades, vivem também da graça de Deus!

Frei Marcílio murmurou entre dentes:

— Lá isso é...

— Pois, como os frades, nós também temos obrigação de dar graças a Deus e de demonstrar, por atos, o nosso reconhecimento Àquele de quem tudo depende. Cantamos, o dia todo, as glórias do Pai que nos proporciona o alimento, fazendo germinar os grãozinhos nos campos, mandando os raios do sol e as gôtas de chuva para fazê-los crescer e produzirem; que nos dá o amoroso aconchego das canarinhas, que dá paciência a um frade bondoso para nos proporcionar os seus cuidados e o seu carinho. Pois não está o padre superior construindo a grande matriz da sua paróquia, a custo de trabalhos enormes? Porque nós, os canarinhos, em vez de estarmos aqui, o dia inteiro no ócio, não vamos ajudar a levantar o templo do Senhor?

Frei Marcílio não pôde conter o riso.

— Ora, ora!... E como é que vocês vão ajudar a construir a igreja?

— Deixa isso por nossa conta, frei Marcílio. Solta-nos amanhã cedinho e verás. À noitinha, quando depois de teres cantado as vésperas, voltares para a tua cela, aqui nos encontrarás a todos, descansando dos labôres do dia, felizes por têrmos concorrido com a nossa parte para o aumento da casa de Deus e da sua glória!

— Pois bem, assim será!

E, realmente, no dia seguinte, depois de ouvir a missa na capela do convento e de rezar as orações de preceito, frei Marcílio voltou à sua cela e abriu a portinhola do viveiro.

Em alegre revoada, os canarinhos atiraram-se ao espaço, rumo à matriz em construção, algumas centenas de metros adiante do convento.

Como fizeram, como não fizeram, para aumentar a construção,

ninguém soube, nem mesmo frei Marcílio. Mas o fato é que os pedreiros que levantavam as paredes do templo viviam intrigados porque, ao fim do dia, as paredes haviam crescido algumas fileiras mais de pedras e tijolos do que as que êles realmente haviam feito.

E à noite, depois da ceia, quando frei Marcílio voltava à cela para o merecido descanso de um dia de intenso labor entre as suas couves e as suas laranjas, encontrava os seus canarinhos empoleirados ao fundo do viveiro, as cabecinhas metidas debaixo das asas, entregues ao doce sono dos bem-aventurados . . .

Era uma vez . . .

É assim quc começam as histórias que nos falam ao coração, histórias, entretanto, nem sempre verdadeiras, geralmente fantásticas, contos de fadas benfazejas ou de bruxas vingativas.

Mas a história dos canarinhos que ajudaram a construir a igreja de Blumenau é um conto verídico.

E' verdade que êles não ajudaram a construção falando a frei Marcílio, nem carregando pedras e tijolos. Mas ajudaram de maneira igualmente eficiente.

Frei Marcílio criava — e cria ainda — centenas, milhares de canarinhos e, nas festas populares, em benefício da construção da magnífica igreja de que os blumenauenses já tanto se orgulham, punha-os em leilão.

E cada canarinho rendia muitas centenas de cruzeiros que iam fazer crescer as paredes da imponente casa de Deus.

Não estavam, assim as gentis avezinhas, carregando pedras para o templo de Nosso Senhor?

Honrosa opinião

DOM JOAQUIM DOMINGUES DE OLIVEIRA, ilustre Arcebispo de Florianópolis, é, sem favor, uma das mais altas expressões morais e culturais do episcopado brasileiro. Às suas virtudes de pastor venerando, de sacerdote exemplar, alia uma inteligência brilhante e uma bondade que cativa.

S. Excia. Revma., num gesto que sobremodo nos honra e nos envaidece, escreveu-nos uma carta da qual, com a devida vênia, copiamos êstes trechos:

"Deu entrada aqui 'Blumenau em Cadernos', tomo I, número 1, de novembro findo, brochura que foi logo lida e devidamente apreciada. Apreciada em tudo. 'Pensar e agir em razão do aperfeiçoamento material e moral da comuna', a exemplo daqueles idealistas que aí souberam erguer uma obra que é o orgulho de Santa Catarina. Que oportuna e nobre finalidade! A pena que a exara revela-se das mais perfeitas e buriladas.

Com os agradecimentos, pois, pela gentileza da remessa, traz os sinceros parabéns quem se professa, atenta e gratamente em Jesus Cristo, — Arcebispo Metropolitano".

A nossa modesta publicação não poderia aspirar a maior prêmio. As palavras de Dom Joaquim nos comoveram profundamente e nos servirão de estímulo, de incentivo para prosseguirmos no caminho que nos traçamos com maior fé e maior entusiasmo.

A Dom Joaquim os nossos sinceros e respeitosos agradecimentos.

Lamentável desaparecimento

A 13 DE MARÇO dêste ano, faleceu na capital da república um ilustre filho do Vale do Itajaí que, pelo seu saber e pelas suas virtudes, honrou a sua pátria.

Trata-se de João Geraldo Kuhlmann, diretor aposentado do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Iniciado por seu cunhado, o notável botânico F.C. Hoehne nos segredos do estudo e classificação das plantas, Kuhlmann tornou-se notável nessa ciência tendo deixado trabalhos de grande valor e que lhe valeram destacado conceito, não apenas no país, mas também no estrangeiro.

De uma ligeira biografia publicada no "Diário de Notícias" do Rio de Janeiro, pelo Dr. Hoehne, extraímos os seguintes dados sôbre a vida de Kuhlmann, como uma homenagem à memória dêsse ilustre homem de ciência que a ela dedicou toda a sua vida, alheio aos interêsses materiais.
ciência que a ela dedicou tôda a sùa vida, alheio aos interêsses materiais.

QUANDO o **dr. Blumenau**, à semelhança de "Mariano Procópio" **(Ferreira Lage)**, em Juiz de Fora, Minas e outro colonizador no Rio Grande do Sul, nos primórdios do século XIX, criou o núcleo que recebeu o seu nome, no Estado de Santa Catarina, mediante contratamento de agricultores da Alemanha, aos quais, em condições especificadas, fornecia glebas de terras, mediante pagamento em prestações resgatadas por meio de trabalho e o compromisso de manterem, pelo menos, uma quarta parte das matas nativas nos altos das mesmas, para conservação do solo e contínua adução de matéria orgânica, chegou àquela localidade o progenitor do nosso amigo aqui citado. Nessas mesmas levas vieram também engenheiros e o bem conhecido **Dr. Fritz Mueller**; com um dos últimos o **Dr. Oderbrecht**, trabalhou como camarada no levantamento do mapa hidrográfico, durante algum tempo, enquanto **Fritz Mueller**, mesmo de enxada na sua roça, estudava os vegetais e animais, descrevendo-os e publicando os resultados na Alemanha. Êsses trabalhos foram classificados como excelentes. Por isso **Charles Darwin**, declarou **Fritz Mueller** o "Príncipe dos Observadores", embora pequena fôsse no início sua biblioteca para a matéria. Por analogia dois admiradores de **Geraldo Kuhlmann**, classificavam-no como "iluminado em sistemática botânica", graças à rapidez com que encontrava o nome do gênero e da espécie de qualquer herbário que lhe era apresentado. Fama esta que os seus amigos: **Drs. Francisco de Assis Iglesias e Adolfo Ducke**, propalavam onde quer que se falasse no seu nome.

Filho legítimo de **Frederico Kuhlmann** e **Rosália Bodenberg**, nasceu **Geraldo** como os demais filhos do casal, na cidade de Blumenau, em 2 de dezembro de 1882, assim 9 meses e dois dias depois de nós. Com os demais da família passou para Petrópolis, onde igualmente predominava então o elemento teutônico; pouco depois fixou-se a família **Kuhlmann**, na Gávea, Rio de Janeiro.

Quando o **Sr. Edmundo Kuhlmann**, contraiu matrimônio com uma irmã nossa, realizando-se o casamento em Juiz de Fora, ficamos conhecendo **Geraldo** e também a caçula da família **Kuhlmann, Clara Augusta Frieda**, com a qual casamos em 24 de dezembro de 1903, depois de havermos sido nomeado para o cargo de Jardineiro-Chefe do Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, em 6 de setembro do mesmo ano.

Dessa época intensificaram-se os nossos interêsses em prol da conquista de **Geraldo**, para a botânica. Nos dias feriados e facultativos íamos para a Tijuca, Jacarepaguá e outros arredores do Rio de Janeiro, para colhêr material e

fazer observações na natureza, prazer que desde menino mais nos atraiu sempre.

Convidado para participarmos da Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas, como Auxiliar de Botânica, pelo então nosso grande e bondoso amigo **Dr. Alipio de Miranda Ribeiro,** partindo em 27-6-1908 e demorando até 7-11-1909, nossa espôsa ficou aos cuidados dos seus pais e **Geraldo** passou a fazer um estágio no Ginásio Lobato, em Petrópolis.

Tendo regressado do Juruena, Mato Grosso, nessa primeira viagem, permanecido no Rio de Janeiro, para organizar o material coletado e expedir o de algumas famílias de plantas para Berlim, tornamos para Mato Grosso em 2-12-1910, levando conosco Geraldo, para preparador e ajudante na coleta de material botânico e seu mano **Hermano** para preparador de material de zoologia, que, a pedido do zoólogo **Dr. Alipio de Miranda Ribeiro**, que não retornou a Mato Grosso, devíamos reunir para o Museu Nacional.

Realizada esta viagem-estréia, **João Geraldo Kuhlmann,** realizou mais três viagens a Mato Grosso.

Nas relações dos herbários, figuram 7.000 números como colhidos por nós, em parte também pelo então preparador **Geraldo,** na dêste botânico nas suas referidas ulteriores viagens, figuram 2.484 números de exsicatas, incluindo algumas coletas também pelo então **General Cândido Mariano da Silva Rondon,** grande amigo nosso e de **João Geraldo Kuhlmann.**

As espécies que dedicamos a êste eminente botânico são dez, de diferentes gêneros e famílias de plantas. Com muitas outras foi êle homenageado também pelo seu grande amigo **Dr. A. Ducke** e fitologistas alemães e americanos.

As espécies, gêneros e famílias por êle criadas e descritas sobem a algumas dezenas e podem ser quase tôdas encontradas nos "Arquivos do Jardim Botânico" e ditos do "Serviço Florestal", do Rio de Janeiro, bem como nos "Anais da Primeira Reunião Sul Americana de Botânica", realizada em 1939, no Rio de Janeiro.

Nos "Anexos n.º 2, Botânica, da Comissão Rondon", publicou **Geraldo Kuhlmann** os resultados do material.

João Geraldo Kuhlmann era casado com **Dr. Hordália da Costa Kuhlmann,** que viúva agora, deparará, sem dúvida, com dificuldades, embora sempre exercesse atividade como educadora e diretora de trabalhos de ordem missionária. Dêsse consórcio provieram, um filho: **Guilherme Geraldo Kuhlmann,** que preferiu seguir carreira mais produtiva, tornando-se grande técnico de aparelhos elétricos, fixando residência em Montevidéu, casando-se ali (dando uma neta ao seu progenitor) uma filha **D. Zilda Kuhlmann,** casada com o **Sr. Eunice Pereira,** residia com **Geraldo,** proporcionando-lhe com os netos grande alegria e distração nos últimos anos da sua efêmera aposentadoria por implemento de idade, com a classificação de Diretor-Aposentado do Jardim Botânico do Rio de Janeiro".

Gente de bom humor

O VIGÁRIO de Blumenau, Frei Braz, é muito benquisto pelos seus paroquianos. E também os que são de outras crenças, vêem no incansável franciscano um padre muito fervoroso, dedicado inteiramente ao progresso material e moral da sua paróquia. E os católicos querem tão bem ao frade que um dêles propôs que, todos, nas orações da manhã, incluíssem êste pedido a Nosso Senhor:

— "Senhor, livrai-nos da Petrobraz, e da Eletrobraz; mas por favor, deixai-nos o Freibraz! Amem.

ITAJAÍ

De Fazenda à Cidade

Almirante LUCAS A. BOITEUX

I

I. QUANDO, em março de 1711, aportou em a enseada das Garoupas (hoje Pôrto Belo) o Sargento-mor da praça de Santos Manuel Gonçalves de Aguiar, em exploração aos portos catarinenses, dizia em informação que prestou, que "o **rio Taá-hy** se acha despovoado, sem morador algum; e nêle foi morador o Capm. Miguel Dias (de Arzão?), sua mãe e irmãos e ora os achei moradores no rio S. Francisco".

O governador de S. Paulo, Botelho Mourão, morgado de Mateus, invadindo jurisdição alheia, mandou, em 1766, o Capm. Antônio Correia Pinto fundar um povoado em Lajes. Seu colega do Rio Grande do Sul, Coronel Custódio de Sá e Faria, ao saber do caso, protestou contra a suposta invasão de sua circunscrição política. Esta reclamação foi encaminhada ao Vice-rei, conde da Cunha, que, em ofício de 22 de fevereiro de 1767 ao Morgado, aconselhava-o 'a não prosseguir na empreza, a fim de evitar atritos,' persuadindo-lhe a **'estabelecer povoação ao norte do rio Tujuhy** (Itajaí), **por ser** mais comodo, **o terreno para todas as execuções",** — dizia-lhe o conde com malícia — **de suas vastissimas idéias".**

Diante disso, o Morgado oficiou a Correia Pinto, indagando dêste "se se poderá fazer com a mesma utilidade esta fundação (a de que estava encarregado) nas cabeceiras do rio das Canoas ou nas margens do rio **Tajuy,** ou em outro ponto adonde não nos perturbem". Não conhecemos, infelizmente, a resposta do fundador de Lajes.

II. — Ao referir-se aos portos da Província catarinense, de cujo govêrno fôra secretário, Paulo J. Miguel de Brito assim se manifesta sôbre o Itajaí: — "O porto de Itajahi é pequeno e pouco frequentado **"por não haver ali povoação,** mas é seguro e abrigado, e pode vir a ser de transcendente utilidade, como adiante direi; a sua entrada é entre o Pontal do norte e a ponta Cabeçuda ao lado do sul, com 6 a 7 braças de fundo; o canal é estreito e deve demandar-se com vento e maré favoráveis; o fundeadouro tem o sobredito fundo e é **defronte de uma Fazenda de lavoura, chamada do Arzão, unica que com casa ali se encontra".** Entre as medidas preconizadas pelo citado autor, em sua preciosa "Memória Política" (1816) lembrava êle "povoar e cultivar os terrenos de ambas as margens do rio **Tajahi-assu,** desde a sua foz até a primeira cachoeira; e o **Mirim** desde sua confluencia naquele até onde fôr navegavel, e daí para cima até o campo da Boa Vista".

III. — A casa-real portuguêsa instalara-se no Brasil, que passara, em 1815, de simples colônia à categoria de Reino-unido ao de Portugal e Algarves. Dois anos volvidos, foi chamado a sobraçar a pasta do Reino e Erário e, logo depois, as da Marinha, Estrangeiros e da guerra, o magistrado Tomaz Antônio de Villanova Portugal, que assim concentrava em si todo o mecanismo administrativo, tornando-se o ministro universal de um rei absoluto. Embora português, Tomaz Antônio sempre demonstrou, desde sua chegada, grande afeição pelo nosso país e seus naturais. Apesar de graves defeitos e de erros administrativos projetou e realizou vários serviços públicos dignos de memória.

Teve êle durante algum tempo os olhos voltados para Santa Catarina, onde pretendia estabelecer um grande Arsenal marítimo; criou a Intendência de Marinha; na enseada das Garoupas fêz assentar

uma colônia de pescadores procedentes da Ericeira, em Portugal.

Da mesma forma tratou de fundar às margens do **Itajaí-mirim** um estabelecimento colonial e os alicerces de uma cidade. Para isso, procurou alguém de sua inteira confiança e com capacidade bastante para dirigir a emprêsa. O escolhido foi o seu Oficial de gabinete Antônio de Menezes Vasconcellos de Drumond (1794-1865) ilustrado brasileiro que, mais tarde, relevantes serviços prestaria à sagrada causa de nossa emancipação política sob a direção de José Bonifácio, o Patriarca.

Meu saudoso irmão José Arthur, sob o título "Antônio de Menezes Vasconcellos de Drumond", escreveu do Rio de Janeiro, a 11 de junho de 1913, a notícia abaixo, que a "Revista Catharinense", da Laguna, do não menos saudoso José Johanny, estampou em o A. III. n.º 1., pag. 19, de janeiro de 1914: —" Nos capítulos I e II, da última parte das "Notas para a História Catarinense" transcreve o capitão-tenente Lucas Boiteux algumas referências do ilustre brasileiro Antônio de Menezes Vasconcellos de Drumond aos períodos governamentais de Tovar de Albuquerque e de Pereira Valente (conde do Rio Pardo) que no quinqüênio de 1817 a 1822, enfeixaram nas mãos os poderes com que, em nome de Sua Majestade, presidiam os negócios da Capitania. Por julgá-las interessantes envia as notas que coligi, em rápida leitura que fiz das "Anotações" do mesmo Vasconcellos de Drumond, enviando o leitor que queira conhecer-lhe a biografia ao "Brasil Histórico do Dr. A. J. de Melo Moraes.

"Denuciado falsamente de pertencer a uma das Sociedades secretas que tão larga influencia tiveram nos acontecimentos determinativos da revolução de 1817, em Pernambuco, Antônio de Menezes Vasconcellos de Drumond, que então exercia o cargo de Contador da Chancelaria-mor, gozando da inteira confiança do chanceler Tomaz Antônio de Villanova Portugal, recebeu o injusto castigo de seguir para Londres. Abalado pela atitude assumida por Vasconcellos de Drumond, declarando-lhe que "voluntariamente não partiria, porquanto era inocente", acrescentando "que si o julgava criminoso, mandasse pô-lo em processo e si o considerava inocente, não consentisse que se abusasse de sua boa fé nem que o fizessem instrumento da perseguição de um moço que, no principio de sua carreira, já tinha dado boas provas da sua honra e da sua probidade"; "o poderoso Chanceler resolveu, atendendo ao precário estado de saúde de jovem funcionário, que fôsse para Santa Catarina "mudar de ares com seis meses de licença".

"Conta-nos Vasconcellos de Drumond — prossegue José Boiteux — que da denuncia ao dia de sua partida decorreram muitos meses, mais de um ano. Governava então a capitania o coronel João Vieira Tovar de Albuquerque".

Aqui um parêntesis. A 14 de fevereiro de 1820 Drumond apresentou ao Governador referido o seguinte Aviso real: —

> "El Rei N.S. Ho servido que Vmce. vá se apresentar a João Vieira Tovar Albuquerque, Governador da Capitania da Ilha de Santa Catharina, para tomar posse d'huãs Terras para o mesmo Senhor junto ao Rio Tajahy-mirim, a fim de nelas formar hum Estabelecimento segundo a direcção que lhe ha de dar o mesmo Governador, na forma das Instruções que serão a este dadas por esta Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino. O que participo a Vmce. para que assim se execute. Ds. Ge. a Vmce. Paço em 5 de Fevereiro de 1820. — **Thomaz Antônio de Villa Nova Portugal** — Snr. Antônio de Menezes Vasconcellos de Drumond".

Êste aviso só foi registrado, mais tarde, no Destêrro, a 28 de março do ano seguinte, pouco antes do regresso de Drumond ao Rio. Infelizmente, não alcançamos descobrir as instruções transmitidas ao governador Tovar.

Prossegue José Boiteux: — "Ali permaneceu Vasconcellos de Drumond sete meses, que êle bem aproveitou, estudando a situação da capitania, traçando-lhe um vasto pla-

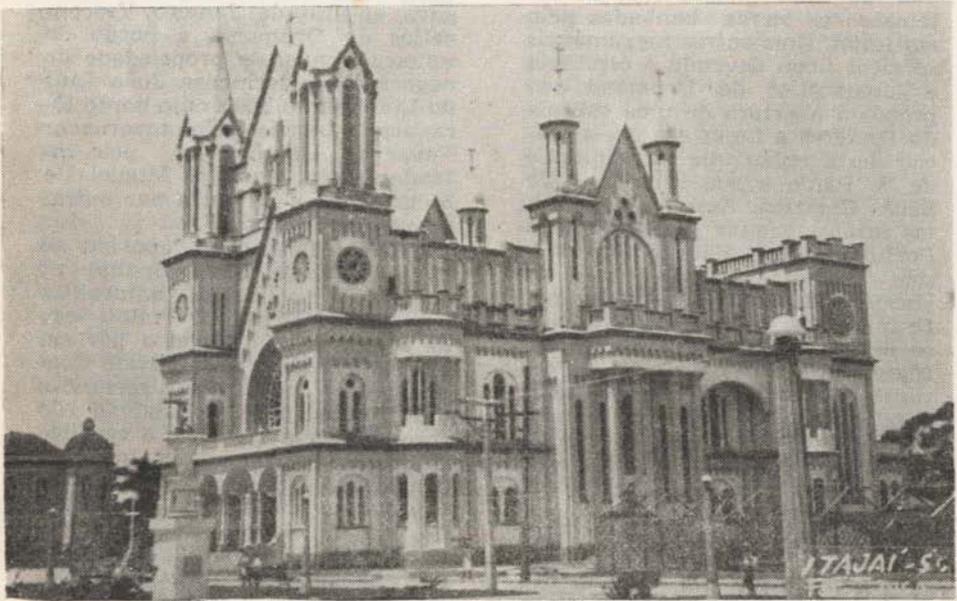
no de melhoramentos. Regressando ao Rio, apresentou circunstanciado relatório ao chanceler Villanova Portugal, que o aprovou, cometendo-lhe a incumbência de colonizar as terras banhadas pelo rio Itajaí. Dois outros inestimáveis serviços ficou devendo a capitania a Vasconcellos de Drumond, que propôs a abertura de uma estrada do Destêrro a Lajes e a desanexação desta então vila da capitania de S. Paulo e sua reunião à de Santa Catarina. Ambas as propostas foram aceitas por Villanova Portugal, que determinou fôssem executadas. "A obra da abertura da estrada — narra-nos Drumond — foi interrompida pela revolução de 1821, que decidiu do regresso do rei D. João VI a Portugal. Não sei se depois da Independência essa obra continuou, nem o estado em que se acha. O que me parece é que deve ser acabada e em tôda a sua extensão, criadas colonias agricolas de gente livre, cujo numero nunca será demasiado. Todo aquele terreno é muito produtivo. Da Vargem dos Pinheiros se tirou o mastro grande para a nau **S. Sebastião,** que foi construida no Rio de Janeiro. A intenção de Tomaz Antonio era de criar ali colonias nacionais e estrangeiras".

No tocante aos trabalhos executados no Itajaí, diz-nos Vasconcellos de Drumond, que alguns se fizeram, "mas nem houve tempo nem meios para os levar ao cabo", porquanto assumindo a pasta do Reino, o almirante Quintela lhe dirigira um aviso, em data de 26 de fevereiro de 1821, recomendando suspendesse tôdas as obras que exigissem despesa e se retirasse para a côrte, visto S.M. dar por acabada a comissão de que estava encarregado.

"Todavia, — acrescenta o ilustre brasileiro — ali se construiu uma sumaca denominada **S. Domingos Lourenço,** que foi a primeira embarcação daquele lote que passou a barra do rio Itajaí, carregada de feijão, milho e taboado, para o Rio de Janeiro. Ainda do Itajaí mandou Vasconcellos de Drumond, sem nenhum dispendio para os cofres publicos, a madeira para a construção do edifício destinado ao Museu nacional. De S. Francisco, que também visitou, enviou àquele Museu algumas perolas "pequenas mas de boa qualidade", pescadas ali. A 9 de maio de 1821 chegava ao Rio de Janeiro Vasconcellos de Drumond, a bordo da sumaca **Venus,** de propriedade do negociante catarinense João Luiz do Livramento, para cujo bordo fôra acompanhado pelo governador Tovar de Albuquerque, pelo intendente de Marinha Miguel de Souza Melo e Alvim e por outras pessoas qualificadas".

Quando Drumond aportou ao Destêrro (hoje Florianópolis) ali encontrou o sábio naturalista francês Saint-Hilaire. Tratou logo de seguir para o Itajaí a pôr em prática os planos ministeriais. Com uns tantos soldados, dispensados das fileiras do 12.º Batalhão (do coronel Inácio Madeira, o verdugo da Bahia na guerra da Independência) e perceberiam 160 rs. diários no 1.o ano e 80 rs. no segundo, iniciou êle no sítio escolhido, as derrubadas, plantações, edificações expeditas para o alojamento dos colonos e a montagem de uma serraria. Logo em seguida deu princípio à construção naval, pondo no estaleiro a quilha de uma sumaca. A futura povoação, que devia ser chamada "São Tomaz da Villanova", em homenagem ao nomeado ministro, foi delineada pelo coronel português, da arma de engenharia, Antônio José Rodrigues (1774-1858), mandado em junho de 1819 a Santa Catarina incumbido das obras das fortificações e outras de engenharia.

A respeito da missão de Vasconcellos de Drumond, assim se manifesta o historiador catarinense M.J. de Almeida Coelho, à pag. 93 de sua "Memória histórica", primeira edição de 1856: — "No mesmo ano (1820) veio da côrte do Rio de Janeiro Antônio de Menezes Vasconcellos encarregado da fundação de uma Colônia no rio Itajaí. Êste homem gastou um ano em passear e iludir (expressões de uma memória que temos presente, e vamos copiando) o Ministro a bem do seu interêsse particular, vexando os pobres moradores do lugar, a quem dava a tarefa de serrar taboado, e cujos jornais

MONUMENTOS DA BACIA DO ITAJAI

A IGREJA MATRIZ da cidade de Itajaí, que se vê na foto acima, é um dos mais grandiosos e imponentes monumentos arquitetônicos de tôda a bacia do Itajaí. Honra quem o idealizou, os que o executaram e, principalmente, o povo nobre e virtuoso da bela cidade da foz. O projeto é de autoria do arquiteto Simão Gramlich, de Blumenau, que também é autor dos projetos das suntuosas igrejas de Santa Cruz do Sul, de Venâncio Aires ,no Rio Grande do Sul, de Gaspar e de Rio do Sul, que focalizaremos em nossos próximos cadernos. Sua construção foi iniciada em 1941 e concluída em 15 de novembro de 1955. Os trabalhos, entretanto, estiveram interrompidos durante dois anos, de 1945 a 1947. O orçamento de sua construção montou em Cr$ 9.500.000,00. Mede 60 metros de comprimento por 25 de largura. Com sua lotação completa, comporta de 4 a 5 mil fiéis. E' seu atual administrador, como vigário da paróquia, o Revmo. Sr. Cônego Wendelino Hobold, sacerdote que goza de geral estima entre os seus paroquianos e mesmo dos de outros setores religiosos, pela sua cultura, pelas suas virtudes e pelo seu desassombro em defêsa da fé e da religião.

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR

nunca foram pagos, apesar de dispender a Fazenda real em tão pouco tempo, pois retirou-se em 1821, o melhor de cinco mil cruzados: não fêz mais do que uma derrubada, sem deixar sinal algum de Colônia. Ouviu-se-lhe por muitas vêzes dizer: aproveitemos o Ministro d'Estado (Villanova Portugal) que está velho".

Efemérides Blumenauenses

ABRIL

1881 - dia 3. A "Theater Geselschaft" leva à cena a comédia em 4 atos "Der beste Ton".

1881 - dia 17. Funda-se em Encano, atualmente do município de Indaial, uma sociedade agrícola "Landwirtschaftlich Verein" com o fim de instruir os colonos na prática da agricultura e especialmente intensificar o cultivo do algodão. Seus primeiros dirigentes foram: O. Bachmann, presidente, A. Lauth, vice e O. Heilmenn, secretário.

1881 - dia 18. Exame público no Colégio São Paulo.

Nesse mês, foram feitas experiências de moagem de trigo de grãos importados pela firma W. Asseburg, de Itajaí.

1881 - dia 21. Em visita à colônia, chegou o conhecido viajante Amand Goegg. Êsse camarada fêz uma conferência pública na casa de Friedenreich, tendo, entretanto, que interrompê-la por ter desagradado a muitos dos presentes.

1882 - dia 25. O Dr. Antunes, com os membros da sua comissão e soldados, retiraram-se da vila, embarcados no vapor "Progresso".

1882 - dia 30. Numa reunião da Sociedade dos Atiradores, esta confere o título de sócio honorário ao Dr. Alfredo d'Escaragnole Taunay, deputado geral, pelos bons serviços que havia prestado à colônia.

1883 - dia 4. Aparece o primeiro número do semanário "IMMIGRANT", de propriedade de Bernardo Scheidemantel e que foi, mais tarde, substituído por "Der Urwaldsbote". Aparecia às quartas-feiras e a sua assinatura custava 4$000 por semestre e 7$000 por ano. De regular formato, geralmente com seis páginas, trazia abundante noticiário. Defendendo ponto de vista contrário ao do "Blumenauer Zeitung", jornal fundado em 1880, não tardou em apresentar-se oportunidade para que os dois semanários entrassem em luta acesa. O julgamento, pelo júri, de um polaco de nome Wolek, que pretendera pôr fogo numa capela, no Indaial, serviu de pretexto para acaloradas discussões. Assim é que no número 2, do "Immigrant", o vigário padre Jacobs, fêz publicar, na "Seção Livre", a seguinte carta: "Prezado Senhor Redator. O aparecimento do seu "Immigrant", por outros fundamentos e também porque se está, agora, com meios para defender-se dos ataques do "Blumenauer Zeitung" e de pôr as cousas no devido lugar, deve ser saudado com alegria. Quando eu, há coisa de um ano, respondi, aberta e lògicamente, as calúnias reproduzidas por aquêle jornal contra a igreja católica e os seus ministros, em vez de publicar a defesa, disse simplesmente: "O artigo do Padre Jacobs não será publicado para não perturbar a paz religiosa". Assim, a gente deve deixar-se ofender, mas defender-se, não. Assim também no número de 7, dêste mês, êle vem com novas insinuações. A afirmação do "Blumenauer Zeitung" de que é uma ridicularia o incêndio de uma capela católica prova uma falta de tato

que eu, para manter a minha dignidade, nem sei como caracterizar. Porém a afirmação de que, de comêço, a aludida capela foi construída para a escola, por católicos e protestantes, e que, mais tarde, fôra transformada em templo católico, é uma inverdade, pois o signatário desta foi quem orientou e acompanhou os trabalhos da construção da capela, destinada ao serviço divino e também a dotou dos utensílios e paramentos necessários a êsse serviço. Como vigário, entretanto, permitiu que, se fôsse criada uma escola, funcionasse na referida capela. Isso tudo eu disse francamente perante o júri. Ou acha o "Blumenauer Zeitung" que eu sou capaz de jurar falsa? 8 de abril de 1883. José Maria Jacobs, vigário". A nota do Blumenauer Zeitung, a carta do vigário Jacobs, o artigo-programa do "Immigrant" suscitaram discussões interessantes que, não raro, chegaram aos desaforos, às injúrias, vendo-se nelas envolvidos Baumgarten, Fritz Mueller, Friedenreich, Scheidemantel, Scheeffer e outros. A carta do padre Jacobs, não ficou sem resposta. "Um jurado", no número de 16 de abril, voltou a atacar o sacerdote. Êste respondeu pelo número de 25, confirmando e reforçando as alegações de sua missiva. Fritz Mueller, por sua vez, passou a atacar o "Immigrant" e W. Friedenreich.

1859 - dia 4. A lei n.º 164, de 1859, desmembrou o território da freguesia do Santíssimo Sacramento do Itajaí da jurisdição de Pôrto Belo para constituir município autônomo. A jurisdição do novo município se estendia sôbre o território dos atuais municípios de Itajaí, Brusque, Blumenau, Gaspar, Indaial, Rodeio, Timbó, Ibirama, Presidente Getúlio, Rio do Sul, Taió, Ituporanga e Vidal Ramos. O primeiro da nova vila delimitava-se pela extrema das terras de Dona Felícia Alexandrina Leão Coutinho ao sul e pelo ribeirão de Joaquim José da Silva, ao norte e quarenta braças para o centro, contadas da beira-mar.

1936 - dia 2. Deixa o cargo de prefeito do município de Itajaí o Sr. Arno Bauer, destacado comerciante e industrial e grande propulsor do progresso do município.

1947 - dia 26. Exonera-se das funções de prefeito municipal de Itajaí, o Sr. Abdon Foes.

1884 - dia 6. À noite, foi observado um interessante fenômeno celeste: entre duas nuvens carregadas de eletricidade, fronteiras uma à outra, e distanciadas por uma estreita faixa, viu-se um globo, da luminosidade de Vênus, ir e vir, com espantosa velocidade, de uma para outra nuvem centenas de vêzes.

1884 - dia 18. Teve início mais uma sessão do júri. Entraram em julgamento vários réus, quase todos êles condenados. Um certo Carlos Teske, acusado de homicídio, foi condenado às galés perpétuas.

1884 - dia 21. Os bugres atacaram a residência do colono G. Mastellotti, no Caminho dos Tiroleses. Diz-se que aos bugres haviam se juntado alguns caboclos que, assim, tinham mais probabilidades de roubar impunemente os colonos.

1885 - dia 8 Com 91 anos de idade falece um dos mais antigos colonos de Blumenau, Benjamin Schenke.